

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VI
II SERIE

5 DE IO 1922
N. 119

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

A visita dos Americanos a Portugal

A proposito do artigo que inserimos em o numero d'esta Revista relativo a março passado, sobre a visita então feita ao nosso Paiz por uma excursão de 800 americanos, recebemos uma carta do nosso Ex.^{mo} Amigo, sr. Pedro d'Oliveira Pires, distincto Director da Sociedade Propaganda de Portugal, na qual, lamentando o facto de nos termos referido em tom pouco benevolente ás entidades officiaes, por não terem aproveitado esse magnifico ensejo para uma propaganda que para nós—portuguezes—seria possivelmente de efeitos proveitosissimos, nos elucida sobre o que a Sociedade Propaganda fez n'esse sentido e que muito gostosamente vamos descrevêr, reproduzindo a nota que aquele nosso illustre amigo teve a gentileza de nos enviar.

Diz essa nota:

«Um nosso antigo director Sr. Conrad Wismann esforçou-se por organizar convenientemente o programa da excursão a realizar, em Lisboa e arredores, pelos 800 excursionistas americanos. A esse nosso bom amigo se deve um interessante *dépliant* que foi distribuido por todos os americanos, contendo o programa das visitas a realizar e as indicações mais essenciaes sobre o que vissem. Essa publicação foi illustrada com excellentes gravuras de alguns dos assuntos mais interessantes do nosso paiz, para o que contribuiu esta Sociedade com as fotografias. O Sr. Wismann, conhecedor das especiali-

dades mais apreciadas por aquela classe de viajantes, foi metuculoso na escolha dos assuntos para o *dépliant*, por forma que despertaram o maximo interesse e mostraram as preciosidades que possuímos, para que de nós levassem impressões agradaveis, embora não pudessem apreciar directamente todas essas belezas em vista da escassez de tempo de que dispunham.

Atendendo ao avultado numero de excursionistas, difficil se tornava a visita aos museus e outros logares que lhe mereciam o maximo interesse. A Sociedade Propaganda de Portugal conseguiu remover todas as difficuldades, por forma que foram recebidos em toda a parte, mesmo fora das horas regulamentares das visitas e alterando-se as prescripções estabelecidas pelo que diz respeito a agrupamentos. Foi tarefa que deu bastante que fazer.

Mostrou-se-lhes o que em Lisboa ha de mais importante e digno de ser visto em monumetos, arte e panoramas. Viram o templo dos Jeronimos e dependencias, Casa Pia, Museu Etnologico, Museu dos Coches, Palacio da Ajuda (uma das coisas que mais os encantou), Muséu d'Arte Antiga, Basilica e Jardim da Estrela, Jardim Botânico e Museu de Historia Natural, Panorama de S. Pedro d'Alcantara, Capela de S. João Baptista e respectivo Museu em S. Roque, Sé e respectivo thezouro, Castelo de S. Jorge, S. Vicente e Pantheon, Mus-u d'Artilharia, Madre de Deus e Asylo Maria Pia, Cintra, Monserrate, Cascaes e Estoril. Todas estas visitas foram dirigidas pelo nosso colega Wismann, que acompanhou um dos grupos; entregando o outro á direcção d'um seu delegado com as devidas instruções.

Ainda a uma porção dos excursionistas que ao chegar a Lisboa quizeram seguir immediatamente para Madrid, conseguiu-se que fosse

posto á sua disposição um comboio especial que lhes permitiu fazer a viagem mais rapidamente, e em Portugal quasi toda de dia."

Folgamos sinceramente em saber agora que os americanos não se achavam em Lisboa apenas entregues a quaesquer interpretes, e que a benemerita Sociedade Propaganda, cumprindo espontaneamente a sua patriotica missão, se apressou a interceder por forma a que esse avultado numero de estrangeiros pudesse aproveitar bem a sua curta visita ao nosso Paiz.

Registando esse facto como um duplo dever, acrescentaremos, apenas, que o nosso reparo foi devido á omissão feita

pelos periodicos á generosa interferencia da Sociedade Propaganda; e, tambem, a que a nossa existencia, como unico orgão do turismo em Portugal e, portanto, mais do que nenhum outro interessado na propaganda que foi feita, mais uma vez passou despercebida a quem nos devia justamente considerar como um complemento, auxiliar directo da mesma Sociedade, tanto mais que, presentemente, ella nenhuma publicação mantem que noticie os serviços que vem prestando ao nosso Paiz e que são, todos eles, dignos de registo.

J. L.

PERANTE A AMERICA DO NORTE

A ARTE EM PORTUGAL

A JANELA DO CONVENTO DE CHRISTO EM THOMAR

ANTES de proseguirmos no modesto emprehendimento a que nos propuzemos, tornando conhecida a Nação Portuguesa dos Norte-Americanos, de forma a facilitar a sua visita e mesmo a sua permanencia entre nós, ao mesmo tempo que da America do Norte aproveitamos os seus formidaveis recursos em beneficio do progresso nacional, cumpre-nos agradecer á illustre redação da *Revista de Turismo* o honroso acolhimento dispensado ao nosso primeiro artigo, prometendo desde já satisfazer plenamente os seus desejos; porque, antes de abandonarmos a America, nos munimos dos elementos necessarios á campanha que vimos iniciando.

Por um Domingo de Ceu azul, limpido e sereno, semelhante ao que domina ao sul e ocidente da Europa, em terras de Italia, Hespanha e Portugal, quando o americano descança e se distrae das fadigas expendidas em dias da semana, achavamo-nos no centro da America do Norte, n'essa grande cidade construida na

embocadura dos rios Columet e Chicago, a segunda em importancia nos Estados Unidos, onde ha cerca de noventa e cinco anos apenas se via uma enorme extensão pantanosa, insalubre, pestifera, e, agora testemunho de uma das principaes conquistas da civilização contemporanea—celebre como entroncamento de quarenta e sete vias ferreas; pelos famosos matadouros, os maiores do mundo, conhecidos pelos «stock yards»; pelas grandes fabricas, as quasi interminaveis avenidas, os esplendidos parques e passeios, o systema colossal de tração electrica, incluindo os tramways electricos aereos, os grandes reservatorios de cereaes e sobretudo pela vida animada, cosmopolita e progressiva da sua população.

Passando em frente do lago Michigan na direção norte-sul, admira-se a primacial arteria de Chicago: a avenida d'este nome, motivo de orgulho dos norte-americanos.

Entre a avenida e o rio estende-se o

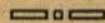
«Grand Park», descobrindo-se d'ahi para o sul a imensa mole do «Field Museum», fundado pelo celebre marechal de que recebeu o nome, destinado principalmente a coleções de historia natural, de ethnographia, botanica, geologia, sobremaneira curiosas e de alto valor; ao oriente a vastidão do lago, esfumada, aqui e além, por um ou outro vapor de carreira para as diferentes cidades marginaes; ao sul a estação central de Illinois, bastante movimentada, na 12.^a avenida; ao occidente a série de edificios, blocos colossaes em ferro e pedra, apresentando na sua imponencia o tom escuro ou creme, distinguindo-se d'entre eles os hotéis, numerosos escriptorios de casas commerciaes, escolas officiaes e particulares, estabelecimentos luxuosos no rez-do-chão, repartições publicas; e, mais para o norte, a livraria publica, com os inumeros archivos, vastas salas amplas, cheias de luz, de rasgadas janelas, abrindo para a avenida e para o lago; e, finalmente, ao norte, o «Art Museum», interessante nas suas continuas exposições de cultura, pintura, desenho, trabalhos femininos, tecidos em que predominam a fantasia ou gosto artistico, e bem assim longas galerias em que os originaes se misturam com as reproduções e os quadros inspirados nos auctores celebres, muito conhecidos nos museus da Europa; estatuas, altos e baixos relevos, inscrições, tumulos, porticos, columnas truncadas, notados ás vezes pela sua extravagancia, aparte o merecimento historico e outras pelo belo delineamento, execução e acabamento.

São necessarias algumas horas para bem avaliarmos do merecimento das obras ahi expostas.

E foi por um d'esses Domingos de Ceu azul, limpido e sereno, comparavel ao que nos enebria n'estas regiões da Europa, longe da Patria, de quem falasse corretamente a nossa lingua e nos desse a impressão do esplendor da Natureza que nos encanta, nos subjugua e nos embriaga com o perfume inegalavel das suas flores, a franca alegria das camponezas ou o melancolico aspecto das planicies, que

lobrigámos em uma galeria um alto relevo, miniatura da janela do convento de Christo, em Thomar. E junto aos dizeres, por baixo do relevo, em caracteres mais destacados, lemos o sagrado nome de Portugal!

A titulo de informação perguntámos ao empregado que se achava proximo se havia mais alguma obra alusiva a esta nacionalidade, sendo a resposta negativa.



A impressão recebida em tal momento sentimol-a mesquinha, de verdadeiro acanhamento, ante uma relativamente limitada representação da nossa arte.

E' desnecessario enaltecer o valor artistico da janela do convento de Christo, em Thomar. Ela é uma obra prima que sem outros argumentos decisivos além dos seus lindissimos rendilhados, atrahe a atenção de qualquer observador alheio mesmo á arte, logo á primeira vista, sendo digno de nota o conjunto maravilhoso de estilo gothico, bem difficil de encontrar tão magistralmente cinselado em um pequeno espaço como o destinado para essa joia caracteristicamente portugueza, no seu esplendor.

Mas bem desejaríamos ver ahi representados tambem o portico das capelas imperfeitas da Batalha; os tumulos de D. Pedro e D. Inglez de Castro, do Mosteiro de Alcobaça, e o pulpito da igreja de Santa Cruz, em Coimbra; a fim de, sómente com esses dados, extasiarmos os americanos e os estrangeiros que visitassem o museu, e comparando-os de relance e sem hesitação com os poucos tumulos de recortes simples (para não dizermos excentricos) que lá se encontram, reconhecessem facilmente a superioridade da nossa arte.

Se os inglezes, os francezes e os italianos envidam todos os esforços para apresentar á admiração dos estrangeiros as suas obras de arte, as belezas naturaes dos seus paizes, oferecendo-lhes certas comodidades; estando nações como a Italia, a Grecia, o Egypto e a Turquia mais longe da America, porque não ha-

vemos de conseguir o reclame em favor de Portugal dando-lhe primazia na recepção aos visitantes americanos que se destinam á Europa ou aos que procuram um clima suave para estabelecerem a sua residencia?

Deixemos por uma vez o palavreado superfluo, as questiunculas politicas, as infindaveis discussões absolutamente estereis; refreemos sem piedade a inveja, em

virtude de não precisarmos d'ela, e apresentemos ás potencias estrangeiras uma attitude nobre, digna e valorosa, de accordo com o nosso faustoso passado.

Viveremos assim com o socego indispensavel ao engrandecimento material e moral da Patria!

BRANDÃO PEREIRA

RELAÇÕES FERROVIARIAS INTERNACIONAES

O "SUD-EXPRESS,"

POR GUERRA MAIO

CONTINUAMOS hoje a transcripção do interessante trabalho do nosso muito prezado Redactor Principal, sobre o importante problema da circulação do «Sud-Express» Lisboa-Paris.

Proseguindo na descripção do seu estudo, diz Guerra Malo :

A titulo apenas de esclarecimento segue-se um pequeno esboço do que podia ser o horario do *Sud-Express* :

16-00 P	Lisboa	C 14-15
18-50 C	Pampilhosa	P 11-20
18-55 P		C 11-15
22-55 C	Fuentes V. Formoso	P 7-35
23-05 P		C 7-25
1-35 C	Salamanca	P 4-55
1-39 P		C 4-51
3-06 C	Medina	P 3-25
3-11 P		C 3-20
10-25 C	Hendaya Irun	P 19-55
10-50 P		C 19-30
14-04 C	Bordeus	P 16-01
14-09 P		C 15-56
21-00 C	Paris	P 9-00

D'esta maneira nós teriamos as seguintes reduções nos percursos das varias companhias, no sentido Lisboa-Paris : C. P. 13', Beira Alta 60', S. F. P. e Medina, Salamanca, 60', Norte de Hespanha, 25' e Midi, 20'. Em Orleans não haveria re-

dução alguma, atendendo a já grande velocidade ali do *Sud*.

A partida do *Sud-Express* de Paris ás 9 horas da manhã, não só conviria aos passageiros com destino a Bordeus e Biarritz, mas tambem aos internacionaes, quer viessem da capital franceza, quer tivessem chegado ali nos comboios da manhã de Inglaterra, Belgica ou Alemanha, d'onde houvessem partido na vespera.

A chegada a Lisboa no dia seguinte, ás 14/15, permitia ao passageiro vindo de Paris, embarcar imediatamente para a America do Sul, sem mais incomodos; e quando a estação do terraplano da Alfandega — a que se devia chamar *Caes da Europa* — estivesse feita, a comodidade era completa, pois o viajante podia fazer o trasbordo com a maxima facilidade para o vapor ali atracado, sem ter a sua bagagem sido aberta pela Alfandega, o que 'era o ideal dos ideaes.

Mas essa obra será longa, e até lá, deve o serviço ser posto em pratica por meio de transporte directo em caminhões, da estação do Rocio para o caes de embarque e vice-versa, devendo, para as malas grandes, fazer-se um despacho directo de Paris para bordo dos vapores.

Os paquetes para a America do Sul, partem, regularmente, de Lisboa, ao cair

da tarde, pelo que, sem alteração de hora da partida, podem receber os passageiros do *Sud*; podendo, porém, mais tarde, logo que o serviço directo esteja organizado, negociar-se com as companhias de navegação e dos caminhos de ferro, para efeito dos possíveis atrasos dos vapores e comboios.

No sentido de Lisboa-Paris, partindo o *Sud* de Lisboa ás 16 horas, teriam os passageiros vindos do Brazil, uma margem larguissima para o tomarem, podendo até, quando os vapores chegassem pela manhã — o que sempre acontece, quando ha escala pela Madeira — fazer um passeio a Cintra, ao Estoril, ou dar uma larga volta pela cidade. Isto para aqueles que quizessem seguir no mesmo dia, pois muitos haveria que, maçados com a viagem e com o enjôo, prefeririam ficar aqui uns dias a descançar.

Um problema ha porém importante, e que até agora ainda não foi abordado. Estarão as companhias de vapores dispostas a fazer de Lisboa o *Caes da Europa*?

Talvez! Mas é bom porém não esquecer que as empresas de vapores que até agora nos teem servido, são estrangeiras; os seus portos de base são no norte da Europa; e o seu interesse é transportar os passageiros o mais longe que lhe fôr possível. Podendo pois leva-los a Bordeus, Cherburgo ou ao Havre, não os deixarão certamente desembarcar em Lisboa.

E' certo que a Companhia dos Vagões-Leitos se interessa muito pela via Lisboa, cujo serviço desde ha muito procura valorisar; mas ela propria, em algumas das suas linhas, faz pagar a tarifa das estações terminus aos passageiros das estações intermedias.

O que é preciso é que nós ajudemos a questão, por uma maneira eficaz. Não servem os paliativos de pedidos e as negociações com esta ou com aquela companhia, mas deve-se procurar a criação d'uma poderosa linha de vapores portuguezes, cuja base na Europa seja o porto de Lisboa.

Temos, felizmente, já uma linha para o Brazil, cujo successo, a despeito da irregularidade das carreiras, tem sido completo. Mas não é bastante; é preciso que

vamos pensando n'uma outra, com vapores de 10.000 toneladas e de marcha de 14 milhas, para viagens rapidas de Lisboa para o Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres; ficando o material da actual linha para as carreiras para os portos intermedios e para garantir o pavilhão portuguez nos portos do Norte da Europa. O nosso comercio com a America do Sul e a nossa imensa colonia no Brazil, podem e devem garantir quatro viagens por mez.

D'esta maneira teremos obrigado as companhias estrangeiras a vender para o porto de Lisboa os bilhetes que lhe forem pedidos, e entrar em negociações para a venda de passagens directas, Paris America do Sul, via Lisboa.

.....

O novo expresso Lisboa-Pirinéos Côte d'Azur

Começa a circular em 1 de junho proximo o novo comboio expresso *Lisboa-Pirinéos — Côte d'Azur*, ou seja o prolongamento, alem de Hendaya, do comboio que de Lisboa parte ás 8,30 da manhã.

O novo comboio que encurta e facilita consideravelmente as relações de Lisboa com Londres, Caeterêts, Toulouse, Cete, Marselha e Nice, terá carruagens directas de Hendaya a Avinhão e a Marselha, cuja circulação, no inverno, será prolongada até Nice.

E' um melhoramento de consideravel importancia para o nosso paiz; maior ainda se tornando se a Companhia da Beira Alta vir coroados os seus esforços com a circulação decarruagens directas entre Lisboa e Hendaya, que n'este momento procura realisar.

Pensamos que, se a mesma Companhia transformasse em diario o seu serviço rapido internacional, que agora é feito apenas 3 vezes por semana em ligação com os rapidos da C. P., muito teria a lucrar, pois a afluencia de passageiros que não podem transitar no *Sud-Express* e não se dispõem á morosa viagem dos comboios correios, compensal'a-hia, certamente, das maiores despesas que lhe acarretaria essa transformação.



CANÇÃO

*Se me deixares, eu digo
O contrario a toda a gente ;
E, n'este mundo de enganoso,
Falla verdade quem mente.
Tu dizes que a minha bocca
Já não acorda desejos,
Já não aquece outra bocca,
Já não merece os teus beijos ;
Mas tem cuidado commigo,
Não procures ser ausente :
— Se me deixares, eu digo
O contrario a toda a gente.*

ANTÓNIO BOTTO

TURISMO E HIPISMO*O grande Concurso Hipico da Primavera*

POR iniciativa da Sociedade Hipica Portuguesa, repetiu-se este ano o Grande Concurso Hipico, prova que, no meio desportivo onde especialmente se cultiva o hipismo, é considerada como de capital importancia.

A assistencia a todos os numeros do programa d'esse concurso, que se caracterizou por uma especial distincão, sendo sempre grande, confirmou bem o valor d'essa bela prova desportiva, que é todos os anos esperada com aneio e seguida com invulgar interesse.

Este ano pudémos constatar uma maior concurrencia em todos os dias de provas, notando-se uma percentagem grande de provincianos. E, que nos conste, a propaganda d'esse importante certamen hipico não foi tão intensa quanto seria para de-sejar, mórmente nas provincias de Portugal, o que constituiria, sem duvida, mais um poderoso atrativo para a vinda de forasteiros a Lisboa, n'este mez de maio em que a nossa Cidade oferece tantas e interessantes seduções como exposições de pintura e arte aplicada, de flôres, de trabalhos manuaes em muito curiosa copia dos nossos antigos labores.

Como fizemos salientar no artigo que inserimos em o ano passado n'esta Revista, a proposito do Concurso hipico que brilhantemente se realizou em 1921, esta muito interessante prova desportiva constitue um elemento valiosissimo para o desenvolvimento da população fluctuante na capital, representando-se principalmente, para o commercio e para a industria hoteleira, como um factor de prosperidade cujo valor é ocioso citar. Para isso preciso é, porem, que a propaganda seja insistentemente feita por todo o Paiz, do que, certamente, advirá a compensação para as despesas que ela possivelmente origine.

Em obediencia á indole d'esta Revista, apenas nos podemos ocupar do assunto pela sua directa ligação com o desenvolvimento do turismo.

Assim, a sua critica technica é-nos interdita; o que para nós tem ainda o duplo valor de não entrarmos em apreciações para que não nos sentiríamos auctorisados.

Portanto, pelo aspecto social, unico em que nos podemos expandir, achamos essencialmente vantajosa a repetição anual dos Grandes Concursos Hipicos, prestando-lhe todo o nosso aplauso e oferecendo, para isso, a nossa humilde colaboração.

Devemos, no emtanto, frizar uma vez mais que nos penaliza o facto de não se aproveitar esse e outros não menos importantes motivos de expansão social como, por exemplo a exposição anual dos mestres pintores, uma tourada á antiga portugueza, uma regata. etc., para se arranjar o programa d'uma grande festa anual que bem se poderá chamar: «A Festa da Cidade», organizando-se, tambem, por essa ocasião, a Grande Feira de Lisboa.

Se, n'este paiz, as boas iniciativas se executassem com a facilidade com que elas sugerem, já teríamos, certamente, no mez de maio de cada ano, essa grande festa a que o concurso Hipico daria um especial relevo. E assim, a importancia d'esse certamen, redobrando pelo numero de concorrentes e por uma maior assistencia, marcaria uma sugestiva atração para nacionais e até para estrangeiros.

Este raciocinio levar-nos-hia a uma noticia mais circunstanciada da nossa idéa, mas que ultrapassava o limite da nossa embora singela apreciação sobre a festa da Sociedade Hipica; e por isso deixamos para um artigo especial sobre o assunto o seguimento d'esse nosso raciocinio.

Compete-nos, pois, antes de terminar esta apreciação, felicitar-mos a Sociedade Hipica pelo esplendido exito do certamen que promoveu e que, sem duvida

trouxe um maior numero de adeptos ao ramo desportivo a que brilhantemente se dedica.

J. L.

CARTAS DE PARIS

A viagem aerea do Brasil — A impressão que tão grande feito causou no Extran-geiro — Conferencias sobre Portugal — Os resultados praticos da heroica tenta-tiva — A alma tradicional da nossa raça

Os portuguezes, ao chegarem a Paris, ficam sempre muito admirados de que os jornaes d'esta cidade não falem de Portugal. Veem habituados a vêr nos jornaes de Lisboa, diariamente, extensas columnas de telegramas de Paris, e julgam que temos o direito a que, aqui, se faça o mesmo com relação a Portugal.

O que se não repara, porém, é que outros paizes da Europa gosam de igual tratamento, pois raro aparecem noticias da Noruega, da Dinamarca, da Holanda, da H spanha, etc.

No entanto, nós tinhamos direito, como visinhos e aliados, que a França se occupasse mais de nós; mas se formos profundar as coisas, facil se verifica a razão d'isso:—é que, ha anos a esta parte, nós nada temos feito de notavel, que se possa contar no estrangeiro.

As revoluções portuguezas, pela sua frequencia, já não impressionam o grande publico, tanto mais que elas já são classificadas como movimentos diarios.

Ora, as nossas revoluções, não nos dando o grandioso titulo de povo revolucionario como succede com o irlandez que lucha por uma causa legitima, fazem todavia, com que sejamos acoimados de arruaceiros.

Assim, e como *caso normal*, os jornaes de Paris teem publicado, ás vezes, com espaços de semanas, esta singela noticia, posta como que esquecida no fundo d'uma columna: *Rebentou uma nova revolução em Portugal*. Nada mais. Nenhum detalhe do facto. De resto não os ha, nem os pode haver n'um paiz em que se anda a brincar às revoluções simplesmente para mudança de... governo.

Ha tempo, o secretario geral d'um grande periodico de Paris, dizia-me: «*Já deixei de publicar noticias de revoluções no seu paiz. Não vale a pena. As suas revoltas são todas de amadores e não oferecem interesse.*» Efectivamente, é tudo para .. *inglez vêr*... Mas o resultado logico e immediato d'esse procedimento é simplesmente o nosso descredito cá fóra.

Como se não bastasse a nossa culpa, as agencias telegraficas de Vigo teem aproveitado todas as nossas mais simples disenções para phantasiarem as noticias mais tendenciosas; e, assim, os jornaes de Paris publicam ás vezes telegramas oriundos de Vigo, dizendo os maiores disparates e atirandó-nos as mais cruentas calumnias.

Hoje, porém, já os nossos visinhos es-

tão desacreditados, sendo raro o jornal que lhes publica as mentiras; mas o que é certo é que ha sempre n'esses telegramas um fundo de verdade, porque se não estamos em revolução ou anarchia, andamos pelo menos a passear as metralhadoras pelo Rocio.

D'ahi ao resto, ás vezes é o arder d'um fosforo.

Mas a imprensa de Paris acaba de acordar, e d'esde ha um mez que se não cansa de publicar, com os maiores elogias, as noticias de Portugal, relativas á incomparavel travessia aerea, referindo-se aos nossos dois heroicos aviadores com palavras de ternura.

Alguns jornaes teem publicado as palavras mais lisongeiras sobre a nossa raça e o nosso genio. E porquê? Porque entramos n'um caminho de empreendimentos sérios, e os dois heroicos e arroçados portuguezes estão dando ao mundo uma grande lição de valentia, de audacia e de supremo saber.

E agora é uma consolação para nós outros, quando encontramos as pessoas das nossas relações, ao ouvirmos perguntar com enthusiasmo:

«Então os seus aviadores?

«Bravo! Já viu os jornaes?

«Que feito! Grande honra para o seu Paiz. Parabens.»

...E isto ás mesmas pessoas que ha dias nos diziam:

«*Então mais uma revolução em Portugal!*...»

Depois não são só os jornaes de Paris; mas os de Londres, os de Berlim, os de Roma, emfim os de toda a Europa, que teem aplaudido com enthusiasmo o feito audacioso dos nossos queridos e arroçados compatriotas.

Tem-se feito comparações com outros aviadores, e tem-se posto em destaque a precisão scientifica com que a viagem tem sido feita, o que não tem acontecido com outros aviadores que teem empreendido viagens quasi tão ao acaso que teem ido aterrar em sitios desconhecidos para eles, como aconteceu com os celebres Alcock e Brown que tendo sahido da Terra Nova

para a Europa, foram cahir na Irlanda sem saberem a que paiz tinham chegado.

Nos meios desportivos, a viagem de Gago Coutinho—Sacadura Cabral tem sido acompanhada com um enthusiasmo febril, preparando-se desde já conferencias sobre o momentoso assumpto e em que vae ser posto em destaque o nosso Paiz.

Ha dias um jornal de Paris, referindo-se ao caso, cita esta coincidencia curiosa;

«O Brazil tendo sido descoberto por Cabral, vae se-lo novamente, em aviação, por outro portuguez e por outro Cabral!»

Eis pois a explicação do silencio dos jornaes francezes, quanto a Portugal.

Procuremos trabalhar, procuremos engrandecer a nossa terra, por uma ação fecunda e inteligente, que a Europa saberá fazer justiça ao valor nato da nossa raça.

Não é bastante termos o nosso admiravel porto de Lisboa, nem o *Sud-Express* diario; é preciso fazer alguma coisa mais do que revoluções.

Ponhamos os olhos na Holanda, paiz bem mais pequeno do que o nosso, mas que se recusou a entregar o ex-imperador da Alemanha, fiada no seu direito de azilo.

Nenhuma das grandes nações da Europa ali foi de armas na mão arrancar o causador da imensa derrocada. E' que a Holanda tinha a seu lado uma grande força moral, e soube servir-se d'ela. E assim fez-se respeitar.

O que estamos agora fazendo, é a repetição dos nossos feitos do Seculo XV, em que meia duzia de ousados deram lições ao Mundo com as suas conquistas, com as suas descobertas, com a civilização que legaram á humanidade.

Bem forte era a Invencivel Armada de Philippe II, mas um mar revoltado devorou-a em poucos momentos; todavia, bem mais frageis eram as naus de Bartholomeu Dias e n'elas os portuguezes dobraram o grande Cabo, em demanda de novos mundos.

Desde ha muito que se fala d'uma grande linha aerea de Hespanha á Argentina, cujo ponto de partida, ao pé de Sevilha, está desde longa data escolhido; mas

até agora não tem essa tentativa passado de projectos.

E fomos nós que sem alarde, lhe fomos ensinar o caminho, como outr'ora as nossas caravelas lhe marcaram a derrota dos mares.

A alma, pois, da raça não morreu, está

viva e immortal e tem a mesma Fé e a mesma vontade que celebrisou as dos nossos antepassados Vasco da Gama, Cabral e de Albuquerque.

Paris, maio 1922.

GUERRA MAIO.

BELEZAS NACIONAES

UM DIA EM ALVITO

N'uma linda manhã de verão do ano passado eu descêra do comboio na estação de Alvito, vindo de Beja, para satisfação do meu antigo desêjo de vizitar o Castelo d'aquela vila alemtejana. Reparei ali que o movimento era pouco, pois que, além da minha pessôa, só uma robusta camponêsa se apeiara tambem do mesmo comboio.

A um ferro-viário da estação perguntei se Alvito ficava longe — isto em razão dos povoados alemtejanos ficarem, na maioria, longe das estações, como já sabia por experiencia.

O empregado respondendo negativamente, indicou-me um aglomerado de casas no alto de uma extensa colina, dizendo-me que era ali, a uma meia legua aproximada de distancia, e seguiu a tratar do seu serviço.

Eu tomei a indicação por brincadeira, e com os meus botões pensavá: «Então Alvito é célebre pelo seu famoso Castelo e ali n'aquela povoado nem sombra de tal construcção se avista, quando são sempre as suas quadrelas e tórres o que mais se salienta primeiro? — Nada; o homem esteve a mangar comigo — concluí.

Cá fóra, no largo da estação, esperava encontrar qualquer meio de transporte: um trem, uma deligencia. Nada. Só uma carroça cheia de caixotes e cêstos, tendo um muar aos varaes, ali se via. Valeu-me n'isto a companhia de viagem, a quem

interroguei, se sabia de alguma condução para Alvito.

— Ha sim senhor — respondeu-me ela — ha o carro do Raphael, que é o correio e que está acolá — apontando a carroça.

Tornei a julgar ser caçoada: — Então um carro de recovagens é que leva passageiros? — pensei comigo mesmo; mas a confirmação foi-me dada pelo proprio Raphael, um alentado camponez de chapeu de grande aba, que n'esse momento, vindo d'um dos lados da estação, me convidava a subir para o seu carro.

— Mas afinal eu tenho de ir sobre estes caixotes? — perguntei, já um tanto arreliado.

— Tem sim senhor; mas não tem duvida, eles aguentam consigo.

Eu e a mulhersinha lá nos acomodámos o melhor que foi possivel sobre a bagagem; o Raphael e um rapaz que ali apareceu, sentaram-se cada qual em seu varal e sob o chicote do almocreve-estafêta, o macho lá foi puchando a carripâna pela estrada um tanto ladeirenta, com os solavancos próprios das suas... molas de azinho, como no Alemtejo patuscamente alcunham aquela viação.

Naturalmente o meu aspecto citadino não deixou de causar reparo áqueles camponêzes, pelo que o Raphael, a certa altura, me perguntou *se eu tratava de mercearias!*... Pelo visto eu parecia-lhes um caixeiro-viajante; e estava com

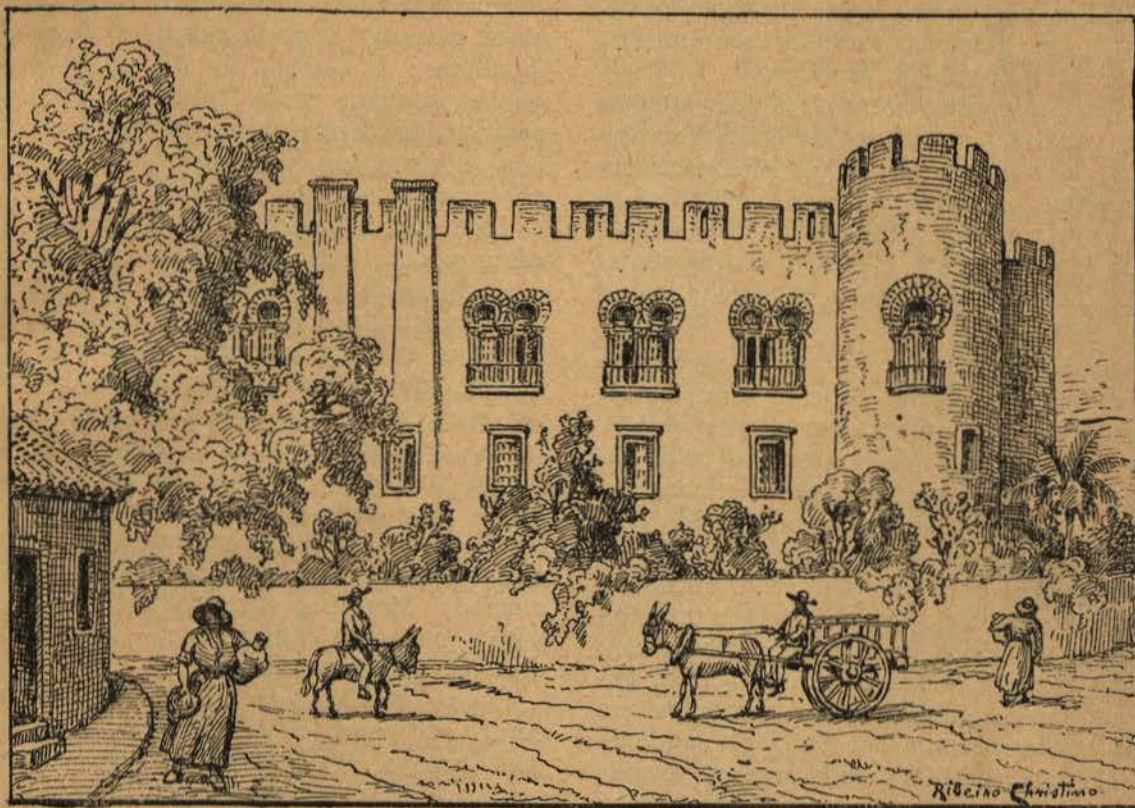
sorte. Respondi dizendo a que vinha, o que talvez lhes parecesse historia — ir ver o Castelo!...

Agora estava já proxima a povoação e já d'ali gosava-se uma bela vista sobre a infinda paisagem, que se seguia sob um Céu luminoso em longinquos e diáfanos planos. Mas, a respeito de Castelo, nem sombra d'ele:

— Querem vêr que já o demoliram e que perco o meu tempo em ter cá vindo —

jornada, á porta de hospedaria, situada no grande terreiro, onde n'um extremo se ergue o Castelo e ao outro se divisam terrênos cultivados e longos, terminados pela delicada silhuêta de Beja e seu grande Castelo, tudo azulado e muito diminuido pela distancia.

Convenientemente desempoeirado e almoçado, eis-me dirigindo os passos para a vetusta alcaçova de D. João II, deveras atrahente no seu arcaico aspecto externo.



CASTELO DE ALVITO (desenho ao natural de R. C.)

dizia comigo; mas seguindo o vehiculo por algumas mal empedradas ruas, que o faziam resaltar ainda mais e portanto a carga sobre que eu ía, ao voltar para um largo, surgiu-me de repente o celebrado Castelo, que me deixou maravilhado pela sua imponencia e artistico aspecto.

Afinal a alcaçova fôra edificada no alto de um terraplano, do lado do pendor oposto da colina que eu subira.

Apeei-me, assás entorpecido da curta

Um enorme e viçoso plátano existente próximo da mediéfica construcção e cujas ramarias ultrapassavam as ameias avizenzes, encobria em parte a fachada principal; e explicava-se a exuberancia da frondosa arvore, por ter nascido, ou sido plantada, proximo a uma abundante nascente de agua, a qual por várias bicas abastecia não só o chafariz e tanque publicos, como o excedente ía ainda encher um lavadouro moderno com cobertura de ferro e zinco,

situado a um dos lados do terreiro, e onde moçoilas lavavam e batiam roupa.

Agora admirava, á minha vontade, o venerando Castelo, e tomava notas para o descriptivo.

Quatro torreões circulares com grandes ameias terminam aos extremos as fachadas já denegridas dos séculos; na principal e seus torreões abrem-se no andar nobre renques de janelas sacadas e geminadas de um belo efeito, pois são encimadas por duplos arcos de tijôlo recortado, de graciosa curva arabe-mourisca, ou seja a fôrma de ferradura.

Um columnelo central e dois lateraes em cada vão, rematados de delicados capitais de mármore em estylo «Renascença» suportam os arcos mouriscos; n'isto vê-se a mão do grande artista italiano Sansovino, que ali trabalhou e dirigiu a ornamentação durante alguns anos, a convite do rei D. João II.

Ajuda a realçar as belas janelas, no seu efeito decorativo, a côr vermelho-escuro das suas grossas portas interiores.

A frente que dá ingresso á velha alcaçova, tem simples janelas rectangulares, estas com singela cornija, sendo portanto artisticamente secundária; mas o seu portão de arquivolta vê-se encimado por um escudo heráldico, tendo esculpidos cinco lôbos, e por uma tabela com uma incripção, dizendo em caracteres góticos, que a fortalêsa fôra começada em mil e quatrocentos por D. João segundo.

Dá este portão ingresso para um grande pateo interior, de pavimento assás mal tratado, e tendo um aspecto de claustro, pelas arcarias de tijôlo que tem em parte, e onde alguns lances de escadas de pedra, exteriores, dão acesso, tanto ao andar nobre solarengo, como a casas meio arruinadas, moradias de pobre gente.

Do pateo vê-se que alem dos quatro torreões que citamos, ainda mais uma quinta torre quadrada se eleva ao fundo da fortaleza, correspondendo á torre de menagem, o ultimo recurso da defêsa dos Castelos; n'esta porém, pacificamente, vê-se-lhe sobre o eirado a desenvolvida ramaria de uma velha figueira.

Em torno e pelo alto do Castelo de Alvito alinham-se grandes ameias com alternadas vigias rasgadas verticalmente.

Observado pelo seu fácies defensavel e artistico o bem conservado Castelo-Solar dos Barões de Alvito, fui-me pelo terreiro fóra pelo meio da tarde até ao extremo oposto, onde a azafama das debulhas nas eiras de trigo, n'aquele começo de verão, estavam em pleno funcionamento, e que ali me quedei a ver.

Havia diversas eiras dispostas pela encosta abaixo, e pertencentes a diversos livradores; á sombra de uns velhos muros e sentado n'uns troncos cortados, para ali fui, apetrechado com o meu album, lapis e um binóculo porque a vista era vasta e soberba.

Tive um successo entre aqueles bons camponêzes; pois os ceáreiros vermelhos e alagados de suor, uns e outros vinham de vez em quando, ver e admirar, tanto os meus esboços, como as vistas pelo binóculo, que parece desconheciam, e que os encantava em observarem tudo tão perto, principatmente a longinqua Beja. Afinal um caso semelhante ao que eu notara uma tarde em Hespanha, proximo ao Escorial, com uns rapazitos do sitio, que não se cançavam de verem o distanciado Mosteiro, dizendo uns para os outros passando o binóculo: — *Mira que lindo és el Monastério.*

Escusado será dizer que ali em Alvito dentro em pouco os camponêzes, entre os quais um já idôso, ao pé de quem eu me sentara, pareciam meus amigos de antigos anos, e não se fartavam de me dar indicações sobre os pontos que se avistavam e me interessavam.

E o caso foi constando de umas para outras eiras, d'onde os trabalhadores vinham da labuta trigal, risônhos, tambem ver a maravilha d'aquele homem, que com o lapis *tirava tudo* e que tinha um oculo onde se via *tudo ao pé.*

Afinal bôa e ingénua gente, aqueles trabalhadores alemtejanos.

A' tardinha, depois de jantar na limpa hospedaria, fui-me a passeiar um pouco pelo campo, para um sobreiral, situado

alem do Castelo, e d'aquelle lado eu via a Lua cheia que vinha subindo do horizonte enquanto o Sol desaparecia alem nas distanciadas colinas opostas da imensa provincia, e eu d'aquelle quieto silencio da Natureza considerava os velhos sobreiros, extranhamente podados á alemtejana, que semelhavam desgraçados suplicantes, erguendo para o Ceu seus braços sem mãos, n'uma attitude afflictiva, e lembrou-me que Dante talvez se inspirasse em caso identico, ao descrever o tormento de condenados, meio arvores, n'um dos ciclos do «Inferno».

Já noite ainda tive a agradável distração de conversar com o reverendo prior de Alvito, que residia proximo á hospedaria, um excelente velhinho, sabedor de antigas coisas locais, que estimou conhecer-me, e que me gabou muito a sua igreja, a matriz de Alvito, de fundação anterior á do Castelo, a qual eu já entrevira quando chegara á vila.

Ficou até ajustado em ir vizital-a na manhã seguinte, antes de me retirar de Alvito, servindo-me o venerando sacerdote de *ciceróni*, o que muito lhe agradei.

Afinal, na linda manhã seguinte, falhou o meu guia, pois era cêdo, o reverendo prior ainda estava decerto recolhido e, portanto, fechada a sua igreja.

Todavia para lá me dirigi, e pela inspecção exterior que fiz, em volta do templo, aliás de pouca altura, e que se via isolado n'um largo arborizado, alegrado então pelos gorgeios das avesinhas, saltava á vista que a matriz fôra construída pelos fins da Idade-Média e reconstruída em partes por vezes.

Marcava a sua antiguidade os robustos «botaréus» ou «gigantes» escalonados de espaço a espaço aos lados do templo e terminados por ameias e pináculos, obra, portanto, do século XIV ou começo do quatrocentos. Na frente principal tambem os botaréus se repetiam um de cada lado e divididos em trez socalcos, centralisavam porém um pórtico «renascença», constituido por arco de pleno centro aguentado sobre pilastras com pedestal e na frente finos colmunelos com

capiteis de delicada ornamentação, decerto obra da época da construção do Castelo; superior no pórtico existem duas pequenas rosáceas de estilo ogival e no fastigio uma funda janela rectangular século XVIII.

Por sua vez a empêna conservava a antiga forma angular e via-a rematada por ameias e pináculos, tendo tudo um aspecto forte de enorme solidez; a mesma confusão de estilos — provando as várias reconstruções — notei por partes; assim uma porta lateral de pouca curvatura adornada de estrias, tinha superiormente pequenas janelas de ogiva, portanto estas muito mais antigas.

A parte posterior da igreja matriz, ou seja a sua capela mór, tambem externamente acusava ter sido toda reconstruída no século XVIII, em estilo «barôco» e uma interessante torre sineira quadrangular elevava-se ali, terminada em pequena piramide de curvatura e pináculos, rematando airoosamente a curiosa e antiga edificação.

Por descriptivo que na vespera me fizera o seu antigo prior, sabia que internamente o templo éra dividido em trez naves, consoante os templos medievais, e que a sua capela mór, no dizer do santo velhinho, era a mais bela d'aqueles contornos; evidentemente, dado o seu exterior em estilo «barôco», teria ela a profusão de volutas, de curvaturas, de adornos floridos, coloridos e dourados, de que o estilo tanto abunda.

Acabava eu de fazer a sucinta analyse do vetusto templo, coévo talvez da primeira dinastia portugueza, quando o bom do Rafael me apareceu ali com o seu carro alemtejano — d'esta vez sem bagagem, dizendo-me serem horas de seguir para a estação de Alvito, o que fiz em seguida, para chegar a tempo de tomar o comboio ascendente; e assim dei por finda a minha visita á notabilissima e tão acolhedora vila alemtejana, que tão gratas recordações me deixou, e que aqui na *Revista do Turismo* ficam singelamente consignadas.

RIBEIRO CRISTINO

TURISMO EXTRANGEIRO

OS AMERICANOS NA EUROPA

Os vapores chegados a Cherburgo, ao Havre e a outros pontos da Europa tem vindo e continuarão a vir abarrotados de turistas americanos, que, aproveitando a desvalorização da moeda europeia, emigram para o velho Continente na intenção de passar o verão.

Os jornaes de Paris tem exaltado este facto persuadidos de que as thermas e praias francezas regorgitaram este ano com uma nova clientela, de que aliás bem precisavam, visto o abandono de forasteiros-que tiveram em o ano passado.

Esse enthusiasmo breve desapareceu, porque os turistas do novo continente, mal punham o pé em França, apressavam-se em tomar os expressos que mais rapidamente os levassem á Alemanha; e a avaliar por um jornal de Colonia, as thermas alemãs vão ter este ano uma concorrencia colossal.

Só uma Agencia Americana tomou em Baden-Baden três hoteis, durante toda a epocha, para a sua clientela.

As companhias de navegação que fazem escala pelos portos francezes, belgas e holandezes, calculam no mez de maio trazer 100 mil turistas americanos. Não é preciso vêr muito longe para se comprehender o motivo de tal invasão de turistas; — a desvalorização das moedas alle-mã, austriaca e poloneza, que permitirá a vida ali por dois patacos. A juntar a isto ha a fama que na America obtiveram os alemães, de cortezes e bem creados, pois os americanos que vieram no ano passado á Europa, levaram para lá essa nova surprehendente. Toda a gente supunha o alemão duro, disciplinado e militarizado, e vieram enconral-o doce e afavel como qualquer latino.

Olhando, porém, para este forte exemplo, far-se-ha uma pergunta: Tendo nós uma moeda desvalorizadissima, e sendo o nosso paiz tão rico em aguas medicinaes,

porque não atrahiremos tambem essa massa de turistas que viriam refrescar as nossas tão abaladas finanças?

Dois motivos poderosos saltam rapidamente á vista: a fama que adquirimos de brigões e de mal educados, e a nossa falta de comodidades para oferecer aos turistas.

Periodicamente rebenta em Portugal uma nova revolução, que depressa desaparece, certo, mas que deixa um rasto de vergonhas e de mau estar.

Por outro lado, como fazer vir a Portugal os turistas americanos, se não tocam em Lisboa as grandes linhas de navegação, e se não temos uma linha nacional, que embora modesta, possa atrahir passageiros, senão pelo conforto, ao menos pela modicidade de preços?

O nosso proverbial bom acolhimento, de sabermos receber na nossa casa com a fidalguia das outras eras, não nos tem ensinado o caminho da hotelaria, que é no nosso paiz a menos desenvolvida das nossas industrias.

E' outra negação, que temos que confessar.

Não ha em Portugal quem queira empregar dinheiro n'esta rendozissima industria, que fez a riqueza da Suissa, da Italia e da França; e muito menos ha quem a queira servir. No entanto ha muito dinheiro para casas de batota, luxuosos templos de depravação, e muito mais ha quem queira fazer d'isso um modo de vida.

A invasão americana na Europa é uma aluvião de ouro, cujos resultados é facil de prever; não só uma grande ajuda á reconstituição dos povos que a receberem, como tambem um poderoso reclamo de que se hão de tirar, no futuro, proveitosos resultados.

Paris, Abril 1922.

GUERRA MAIO

PORTUGAL PITORESCO

A SERRA DA LAPA E A CAPELA DE NOSSA SENHORA

(Continuação)

.....
PODEM-SE alongar mais os passeios e ir até ao Cruzeiro que se ergue á beira do caminho da Tabosa — para lá do *Miradoiro da Senhora da Piedade*. E' um logar retirado e, por isso, muito proprio para a meditação. Ao vel-o, tem a gente vontade de recitar a bela poesia de Alexandre Herculano:

Amo-te, oh Cruz, no vertice firmada
 De esplendidas igrejas;
 Amo-te quando á noite, sobre a campa,
 Junto ao cipreste alvejas;
 Amo-te sobre o altarr onde, entre incensos,
 As preces te rodeiam;
 Amo-te quando em prestito festivo,
 As multidões te hasteiam;
 Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
 No adro do presbiterio,
 Ou quando o morto, impressa no ataúde,
 Guias ao cemiterio;
 Amo-te oh Cruz, até, quando no vale
 Negrejas triste e só,
 Nuncia do crime, a que deveu a terra
 Do assassinado o pó:

Porém, quando mais te amo,
 Oh Cruz do meu Senhor,
 E', se te encontro á tarde,
 Antes do sol se pôr,
 Na clareira da serra,
 Que o arvoredado assombra,

Quando á luz, que fenece,
 Se estira a tua sombra,
 E o dia ultimos raios
 Com o luar mistura,
 E o seu hino da tarde
 O pinheiral murmura.

Quando lá fui a primeira vez, senti-me

possuido da mais profunda tristeza. Dizia um orador hespanhol: «Não ha coisa mais triste do que folhear a historia para estudar a sua filosofia».

Evoquei as almas dos antigos padres, senhores, ha séculos, e com um fim piedosissimo, da *Lapa*. «*Porque, padres venerandos, a vossa devoção levantou n'este ermo, á beira d'este caminho, no meio d'estes penedos, a bemdita Cruz*»! *Ouvi em resposta: «A Lapa é um logar santo, e nos logares santos só se entra com pensamentos santos. Para os excitar nos romeiros, é que aqui, acolá, levantámos o simbolo da nossa redenção»*. E nada mais disseram. Olhei a Cruz: apontando-me o ceu, avivou a minha fé. A quantos terá feito o mesmo?

Pedi licença para interromper o Padre Benevenuto, e exclamei?

— Infeliz do que olha com indiferença uma Cruz!

— Diz bem. Muito deve o Mundo á Cruz e a quem n'ela morreu! Muito lhe devem os Santos! Lembre-se de que Jesus Cristo despregou um braço para estreitar contra o seu Coração o pobre de Assis; lembre-se que, da Cruz, falava Jesus Cristo ao grande mestre das sciencias divinas — Tomás de Aquino; — lembre-se que Zurbaran, Salcilo, Rubens, Leonardo de Vinci, Velásquez, Juan de Juanes, Morales, Ribera e mil outros artistas, nos deixaram obras imortais da arte, glorificando a Cruz.

.....
 Outras cruces se encontram na bemdita *Lapa*. Umas nas paredes do Santuario — bem lançadas e bem gravadas — outras atraz da parede da capela-mór e ao sul do colégio. Que me perdõe o «*Senhor Padre Ferreira*»; mas seria bélo

levantar, junto ao *Miradoiro do Norte*, ou no ponto mais elevado da serra — não muito distante da *Lapa* — um enorme *Calvario*, com uma colossal imagem de Cristo crucificado. Ficaria dentro das tradições da *Lapa*, e glorificaria a Cruz d'um modo eloquentissimo. Agora me lembro: não volverá o distinto eclesiastico as suas atenções para este alvitre, porque rumina projecto de maior vulto — levantar grandioso templo á *Senhora da Lapa*. Deixemol-o entregue á grande obra, que, ha tempos, acalenta o seu espirito, e peçamos

á Virgem Nossa Senhora, que para a realisar, lhe traga entusiasticas dedicações, valentes e valiosos cooperadores. Que ele possa dizer, como o Rei sabio, ao ver que o Ceu lhe assistia: Nada puz da minha habilidade, nem no templo, nem no Santuario. Deus, por suas mãos, debuxou tudo, e por seus exemplares me governei, para poder acertar na obra, *omnia venerunt scripta manu Domini ad me, ut intelligerem universon opera exemplaris.* (I Paral. 28-19).

NOTICIAS DIVERSAS

Em Gouveia

A «*Lisbon Coal & Oil Fuel Company*» no intuito de proporcionar uma facil aquisição da sua já bem conhecida gazolina **Shell**, acaba de nomear seu representante em Gouveia o distincto automobilista, Sr. Alberto de Gusmão Navarro, que se acha empenhado em difundir pela nossa bela região da Beira Alta as excellencias d'esse producto.

A séde da nova agencia beirã da Shell é em Gouveia; havendo já montadas varias sub-agencias em outras cidades e vilas d'aquella provincia.

— A projectada estrada de turismo do Sanatorio aos Barros Vermelhos vae ser uma realidade. O primeiro troço d'este esplendido melhoramento será brevemente posto em praça, a fim da sua construção se fazer rapidamente.

Na Curia

A elegante e concorrida estancia da Curia procura embelezar-se mais ainda no intuito de proporcionar aos seus frequentadores uma maior soma de beneficios, o que tambem muito concorrerá para a ella atrahir novos aquistas e admiradores das suas excelsas belezas naturaes.

Assim, o parque e o lago estão passando por uma remodelação, para que proporcionem maiores atractivos. Outros e importantes trabalhos estão igualmente em curso, a fim de

que a proxima estação thermal n'essa bela estancia ofereça o mais sympathico e atrahente aspecto.

Para se avaliar a importancia d'essas obras basta dizer que a Empreza das Aguas da Curia emprega n'elas nada menos de 200 operarios.

Justo é, porem, que esse esforço encontre compensações de todo o ponto justas. E uma das primeiras seria a mudança da estação do caminho de ferro para o local que está naturalmente indicado e que daria uma maior facilidade d'acesso áquella estancia.

Para o caso chamamos a atenção da Direcção da Companhia dos Caminhos de ferro Portugueses, confiados em que ella não deixará de atender essa tão justa aspiração.

REVISTA DE TURISMO

Por causa de força maior alheia á nossa vontade, somos forçados a publicar o presente numero com algum atrazo, do que pedimos desculpa aos nossos muito estimados assignantes e anunciantes.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL —
Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abego-ria